

“A EDUCAÇÃO EM TELA: A TV, GÊNERO E IDENTIDADES.”

Nayara Rayane do Nascimento Epaminondas

Velbiane Luzia da Silva Chaves

Resumo: O artigo consiste em analisar a TV como um meio de comunicação abrangente a todas as classes sociais, no entanto, quanto ao quesito de gênero a posição da mesma (a TV) é preconceituosa e omissa. Diante disso para reverter o quadro preconceituoso que a sociedade brasileira se enquadra, é necessário políticas educacionais sobre o tema para que o preconceito seja minimizado, educando as novas gerações com valores de igualdade no âmbito escolar.

Palavras chave: TV. Gênero. Identidades. Educação

Resumén: El artículo es analizar la televisión como medio de comunicación de manera integral todas las clases sociales, sin embargo, en cuanto a la cuestión de género en la misma posición está perjudicado y silencioso. Así, para revertir la imagen sesgada que se adapte a la sociedad brasileña, que son las políticas educativas necesarias sobre el tema para que el sesgo se minimiza mediante la educación de las nuevas generaciones con valores de igualdad en las escuelas.

Palavras-chaves: TV. Gênero. Identidades. Educação.

Introdução

Na paisagem contemporânea ainda vivenciamos ondas de ataques e preconceitos contra pessoas denominadas lésbicas, gays, bissexuais e transexuais (LGBT). O que favorece, em certa medida, esse “terrorismo” é a falta de informação das pessoas e a omissão das instituições e a exacerbada exposição das pessoas – a TV, a maior, mais eficiente e mais abrangente meio de comunicação atualmente.

Por intermédio de novelas, programas humorísticos, telejornais e tantas outras categorias da esfera televisiva, é notório a imagem de ridicularização dos LGBT's que, mediante os papéis incorporados, internalizam como maior ênfase a esfera cômica. Como Irineu Ramos comporta em sua pesquisa, “o gay é tratado de forma pejorativa e sempre lembrado com linguajar jocoso” (RIBEIRO, 2010). Tais abordagens referente a imagem ligada a personalidade feminina ou a “bordões” apresentados na programação

da mídia cooperam para que as diferenças não sejam respeitadas devidamente, e, conseqüentemente, há um aumento de gradativo de violência no âmbito de gênero.

À medida que se faz um programa televisivo, é necessário ter cautela, pois a repercussão é imediata e tem alcance nas esferas regionais, nacionais e internacionais. “A televisão brasileira, elemento fundamental na globalização das ideias e condutas, está atrelada à mídia mundial. Ela é responsável por estabelecer condutas, comportamentos e por criar identidades que são copiadas e reproduzidas.” (RIBEIRO, 2010)

Ao analisar as relações de poder na mídia brasileira, em sua pesquisa, Irineu Ramos Ribeiro observa que o seu controle televisivo no Brasil é feito por quinze grupos de propriedade familiar, e, “que uma de quatro concessões comerciais de emissoras de televisão está nas mãos de políticos... Em outras palavras, pelo menos 60 das 250 concessões de TV comercial em operação no país até 2004 pertenciam a políticos profissionais” (RIBEIRO, 2010).

Realça-se no âmbito de entretenimento da televisão brasileira, seja ela telenovelas ou programas de auditório, a exibição de imagem referente aos LGBT's na maioria das vezes, associadas a AIDS e ao consumo de drogas, e a uma pessoa “anormal”, pois foge dos padrões de binarismos construídos subjetivamente, onde a imagem do gay na televisão é representada com traços “efeminados”. “*A programação humorística da TV tem dificuldades de criar personagens de gênero sem desqualificá-los... E, como nos lembra Foucault, o ato de desqualificar algo ou alguém estabelece uma relação de domínio na qual quem tem o poder dita a regra.*” (FOUCAULT, 1979 *apud* RIBEIRO, 2010)

Outro evento que nos ajuda nesta análise é à cobertura dos telejornais sobre o evento da Parada Gay em São Paulo, a abordagem da temática de gênero é de fato esquecida, e o verdadeiro valor do evento não é divulgado pela imprensa,

As chamadas, das matérias das quais a abordagem foi a Parada do Orgulho Gay de São Paulo seguiram com um *script* bastante conhecido quando o assunto é diversidade. Buscaram pontos de fuga – como os aspectos econômicos e as ocorrências policiais – e deixaram de lado o grande caldeirão de gênero sociais presentes em todos os cantos da avenida Paulista. (RIBEIRO, 2010).

O que na realidade de fato acontece é, a partir de uma visão preconceituosa, a mídia, mais precisamente a TV, (no objeto de análise), “molda” os pensamentos daqueles que assistem sua programação, o que só faz intensificar nas pessoas o caráter conservador, mediante a uma sociedade que está em constante mudança. Como Irineu Ramos Ribeiro nos apresenta:

O preconceito é estimulado de forma nem sempre explícita, apesar de o discurso oficial dos veículos midiáticos rechaçarem tal rotulo. Vivemos num país em que a hipocrisia permeia as relações sociais, e como tal, convencionou-se criticar quem pratica qualquer forma de preconceito. Ou seja, os meios de comunicação são categóricos em disputar espaço entre si para mostrar que não discriminam esta ou aquela identidade, mas, na prática, são incapazes de lidar com a diferença. Estabelecem hierarquias de raça, gênero, origem étnica, religião idade e sexo, reproduzem apenas visões heterocentradas e deixam de lado toda a riqueza que transita pelas bordas dos conceitos hegemônicos de sociedade. (RIBEIRO, 2010. p. 125-126)

A partir desse ponto cria-se um questionamento: como minimizar ou (redimensionar) essa linguagem televisiva que induz um comportamento preconceituoso (homofóbico)? “*Segundo o filósofo Gilles Deleuze, uma pergunta benfeita é muito mais potente que uma série de certeza. Uma pergunta pode gerar muito mais estrago do que uma afirmação*” (DELUZE, 2002 *apud* RIBEIRO, 2010). Com isso, focaremos nos estudos diante das políticas educacionais com embasamento em gênero, pois só através da educação é que podemos, de fato, minimizar esse quadro.

Portanto, ao analisar a TV como um meio de propagação de ensinamentos e valores, é entender que essa mídia exerce um poder educativo com grande persuasão sobre seu público pois vem permeada pelas tecnologias, publicidade, padrões de beleza e econômicos que encantam o telespectador. Por essa via, internaliza-se, certo tipo de preconceito mesmo que “oculto”, mormente com recortes raciais, de gênero e de orientação sexual, sendo este último o foco deste artigo. Considerando o nosso contexto social no qual baseia-se a diversidade cultural, característica da brasilidade, é necessário romper com pré-conceitos já estabelecidos e, criar uma nova roupagem referente aos novos conceitos de multiculturalismo. Este estudo situa-se no contexto das teorizações pós-críticas do currículo (SILVA, 2005), tem caráter bibliográfico fundamentados nos autores Jane Felipe, Rogério Diniz Junqueira, Richard Miskoci, e Guacira Lopes Louro, tem como campo empírico os programas de TVs. Está organizado obedecendo a seguinte sequência: introdução, Irineu Ramos Ribeiro, e considerações finais onde

refletimos sobre as questões o papel TV como “fonte” de ensino e a “rotulação” imposto pela mídia.

O ambiente escolar como espaço normalizador

Onde fica a escola quando verifica-se o poder educativo da TV? O debate educacional sobre a diversidade vêm permeando a agenda educacional brasileira. É visível os avanços das políticas educacionais no sentido respaldar e intensificar estudos e pesquisas acerca da temática, perspectiva que trouxe grande avanço para a introdução no currículo escolar componentes que traduzam um pouco da realidade heterogênea da população brasileira. Neste sentido, educação para a igualdade de gênero “visa promover o debate no campo da educação em torno das desigualdades de gênero, bem como discutir e aprofundar os temas relativos à sexualidade, especialmente no que diz respeito à construção das identidades sexuais” (FELIPE, 2008), ressaltando que:

Trata-se de discutir as relações de poder que se estabelecem socialmente, a partir de concepções naturalizadas em torno das masculinidades e feminilidades. As expectativas sociais e culturais depositadas em meninos e meninas, homens e mulheres, quando não atendidas, geram violências de toda a ordem. A escola, como um espaço social importante de formação dos sujeitos, tem um papel primordial a cumprir, que vai além da mera transmissão de conteúdos. Cabe a ela o conhecimento de seu corpo discente, bem como dos demais sujeitos que por ela transitam (professoras/es, funcionários/as, familiares, etc.). Para que a escola cumpra a contento seu papel é preciso que esteja atenta às situações do cotidiano, ouvindo as demandas dos alunos e alunas, observando e acolhendo seus desejos, inquietações e frustrações. Vivemos, na contemporaneidade, um tempo de rápidas transformações de toda a ordem. A escola não pode se eximir da responsabilidade que lhe cabe de discutir determinados temas, tais como as desigualdades de gênero e a diversidade sexual, como apontam os Parâmetros Curriculares Nacionais (PNC).

Entretanto, um local que é designado ao conhecimento como a escola, às vezes é cenário de diversas intolerâncias, sendo elas religiosas, sociais, raciais e de gênero. Somos um país regrado de diversidades e, proporcionalmente igual, de preconceitos. E *“diante do anseio de construirmos uma sociedade e uma escola mais justas, solidárias, livres de preconceito e discriminação, é necessário identificar e enfrentar, as dificuldades que temos tido para promover os direitos humanos e, especialmente, problematizar, desestabilizar e subverter a homofobia”* (JUNQUEIRA, 2009)

Segundo Sullivan (1996), citado por Junqueira (2009, p.17), *“tratamentos preconceituosos, medidas discriminatórias, ofensas, constrangimentos, ameaças, e agressões físicas ou verbais tem sido uma constante na vida escolar e profissional de jovens e adultos LGBT.”* É notável que o espaço escolar tenha sido um meio normalizador do modelo padrão heterossexual, em que o ser diferente é motivo de estranhamento, de xingamentos, de exclusão, e até mesmo de agressão física. São construídos estereótipos e subjetividades com relações de poder, nas palavras de Michel Foucault, em que o dispositivo da sexualidade tem sido reprimido por agentes exteriores a nós mesmos. Ou os que dizem “aceitar”, mas suas atitudes correspondem ao contrário.

E isso fica claro à medida que ouvimos certos tipos de frase no cotidiano: “Não tenho nada contra, mas...”; “Ele é gay, mas ninguém diz. Se veste igual a todo mundo”; “Ele é tão bonito, nem parece que é gay”; “Adoro gay, mas não gosto que fiquem se beijando na minha frente”; “Pode ser lésbica, mas não precisa se vestir como homem”; “Tudo bem ser gay, mas não precisa ficar desmunhecando”; “Vocês podem não se tocar ou beijar? Meus filhos não vão entender”.

Segundo Junqueira (2009), “... embora para a instituição heteronormativa da sequência sexo-gênero-sexualidade concorram diversos espaços sociais e institucionais, parece ser na escola e na família onde verificam seus momentos cruciais. Assim, é razoável supor que, na escola, a homofobia produza efeitos sobre todo o alunado.”

O espaço escolar é um meio onde acontece a produção de conhecimentos, aproximação de pessoas, formação de um grupo social, com isso, é totalmente um meio interventor na vida de um indivíduo. Uma criança que ainda está em busca de sua identidade e descobrindo a sua própria sexualidade ao se deparar com modos de repressão, como por exemplo, xingamentos, agressões físicas, ensinamentos do próprio ou própria professor/a que não ser heterossexual é algo errado, estranho, diferente, cria-se um cotidiano de medo. A criança que ouvi os mesmos ensinamentos em casa e tem o reforço ao chegar à escola, interioriza os sentimentos expressados por aqueles que os cercam, essa criança vai sendo heteronormatizada, reprimindo suas emoções e deixando-se moldar por aqueles e aquelas que já são heteronormativos o que consequentemente repercutirá na formação do seu caráter e alterará seu comportamento.

Certamente a escola pode tencionar e equilibrar as situações de conflitos, dentre elas as relativas ao objeto de estudo deste artigo. A escola precisa assumir seu lugar educativo e seu papel social principalmente assumindo seu compromisso com os cidadãos brasileiros e a justiça social. Por essa via verifica-se a importância e centralidade da inclusão desta temática no currículo escolar, questão que será melhor aprofundada no próximo subtítulo.

Currículo escolar: diálogo a partir da Teoria *Queer*

“Inicialmente, a terrorização crítica sobre a educação e o currículo concentrou-se na análise da dinâmica de classe no processo de reprodução cultural da desigualdade e das relações hierárquicas na sociedade capitalista.” (SILVA, 1999, p. 91) É notório que durante muito tempo foi instituída uma relação de poder e de desigualdades no espaço escolar, em que este modo de “organização” é fabricado de modo binarista e que só beneficia a uma cultura machista, Tomas Tadeu da Silva comenta: *“O feminismo vinha mostrando, com força cada vez maior, que as linhas do poder da sociedade estão estruturadas não apenas pelo capitalismo, mas também pelo patriarcado.”* (1999, p. 91) Ou seja, as relações criadas e experimentadas, são construídas a partir de perspectivas patriarcais, vinculadas sob um sentimento de dominância, em que este contexto intervém diretamente no currículo escolar, pois como já foram citadas anteriormente, as relações de poder e patriarcais não são unidades específicas de um local, ou apenas de um determinado grupo, mas abrange todo um espaço que abriga diferentes culturas e etnias, sendo predominante na condução da educação e dos interesses desses grupos, porque a partir do momento que um ambiente tem o objetivo de conduzir, instigar e ensinar, se cria uma conexão em que, aquele ou aquela que tem uma aquisição maior, permanece como normalizador de estereótipos. E a grande preocupação contemporânea está exatamente em como poder modificar essas situações,

Não se trata mais simplesmente de ganhar acesso às instituições e formas de conhecimento do patriarcado, mas de transformá-las radicalmente para refletir os interesses e as experiências das mulheres. O simples acesso pode tornar as mulheres iguais aos homens – mas num mundo ainda *definido* pelos homens.” (SILVA, 1999, p. 93)

Neste aspecto, a Teoria *queer* propõe análises discursivas e abertas a desconstrução da heteronormatividade, pensando no currículo escolar como um canal principal desta desconstrução, considerando os diálogos como um ponto inicial. “*Considero que seria mais promissor tirar a própria heterossexualidade da sua zona de conforto, trazer ao discurso suas normas e hegemonia cultural centrada nela, de forma a questionar até mesmo o que seria normal.*” (MISKOLCI, 2012, p. 17) É a partir destes meios que torna possível desfazer os argumentos e práticas de uma sociedade preconceituosa, abrindo caminho para novos horizontes, pensando nas consequências geradas nas crianças e adolescentes, possibilitando um olhar sem abjeção, sem prejulgamento e com mais sensibilidades. É preciso desestruturar os modos organizacionais existentes que criam desigualdades e beneficiam uma maioria, principalmente quando se trata do processo de formação de identidade de um indivíduo, “*Essa repartição desigual estende-se obviamente, à educação do currículo.*” (SILVA, 1999, p. 92)

A Teoria *Queer* propõe um discurso pelas diferenças, em não apenas adequar-se ou lutar pelos direitos dos LGBT’S na sociedade, mas modificar os conceitos até então representados e sexistas, em demonstrar que somos múltiplos e diversos, que os modelos normativos são constructos culturais e não naturais como até então aprendidos. Richard Miskolci comenta: “*A proposta queer é muito mais fazer um diálogo com aqueles e aquelas que normalmente são desqualificados do processo educacional e também do resto da experiência de vida na sociedade, e é esse o diálogo que pode se tornar a própria educação, mudando o papel da escola.*” Ou seja, a proposta *queer* está para além de um pedido de aceitação na sociedade, ela traz a reflexão e transformação no espaço escolar, na forma como estamos todo o momento sendo educados para ser heteronormativos, nas palavras de Guacira Louro, o corpo educado e normalizado segundo os padrões sociais de uma maioria. Em suma, essas tentativas de normalização sobre o corpo têm colaborado e adquirido controle sobre o mesmo, “*de qualquer forma, investimos muito nos corpos*” (LOURO, 2000, p. 11), e este investimento pode ser, por exemplo, advindo da escola.

“*A heteronormatividade é um regime de visibilidade, ou seja, um modelo social regulador das formas como as pessoas se relacionam.*” (MISKOLCI, 2012) Não aprendemos a conhecer as multiplicidades e diferenças sexuais, aprendemos que apenas um único modo de experimentar nossa sexualidade é correto e é “natural”, a

heterossexualidade. Mas como lhe dar e trabalhar com crianças, adolescentes e mesmo adultos que optam por uma sexualidade diferente? Quem foi que disse que somente a heterossexualidade é correta? E por quê? São questionamentos que estudiosos e os intitutados por grupos minoritários vem se preocupando fortemente em desconstruir, principalmente desde a década de 1960, onde se tornaram cada vez mais públicos, e onde a Teoria *Queer* emergiu profundamente no Brasil. Eis uma problemática a qual a TV está fortemente ligada, são justamente nestas circunstâncias que as representações de sexualidade vão sendo reproduzidos e impostos, aonde os comerciais, as novelas, filmes dentre outros programas televisivos vão se corroborando e fazendo parte da rotina e “aprendizagem” do telespectador.

Somos seres humanos produzidos a partir de perspectivas imaginárias com ideias tradicionalistas, moralistas e ditos valores familiares. Não somos livres para expressar nossas emoções, nossos desejos e nossos comportamentos, somos objetivados a nos enquadrar segundo o que uma grande maioria acredita ser correto, e aquele ou aquela que não se habilitar a se enquadrar nesses moldes, tende a ser motivo de risadas, chacotas e humilhação pública. É importante que haja uma maior abertura para a problematização desses assuntos nas escolas, que seja repensado a forma como se educa crianças e adolescentes, pensando a partir de uma perspectiva mais humanitária e voltada para a expansão dos diversos modos de experimentar a sexualidade e descobrir a se mesmo. Eve Sedgwick, já nos alerta com uma reflexão brilhante: "*Que uma mulher, como uma mulher, possa desejar outra; que um homem, como um homem, possa desejar outro [...]*".

Considerações finais

A finalidade desse tema é mostrar que a TV apesar de vivenciar um período de contemporaneidade, ainda há resquícios de uma sociedade “arcaica” mediante a sexualidade, visando os conceitos binários: homem/mulher; heterossexual/homossexual atrelado a valores ditados e padronizados que detêm um poder hegemônico.

A TV rotula, e criar rótulos é muito perigoso e cruel. Atinge o imaginário de uma demanda a qual interfere nas relações afetivas e educacionais, propiciando uma reprodução preconceituosa e dominante. Emergindo uma violência simbólica a aqueles e aquelas que estão sujeitos a esta subjetividade e vulneráveis a qualquer reação de

oposição, pois o medo de ser escandalizado/a, humilhado/a e criticado/a permanece ainda forte e reprimido.

Mediante a isso, surge um questionamento: a TV “ensina”? A TV tem uma facilidade de “moldar” o senso crítico em uma boa parte da população, tendo em vista que, a massa popular adere diariamente em sua rotina, absorvendo conceitos dos considerados “superiores” e os interesses (da elite) do qual o assunto está envolvido, gerando e estimulado a heteronormatividade de forma nem sempre explícita, mas direta.

Referências:

FELIPE, Jane. **Educação para a sexualidade**: uma proposta de formação docente. In BRASIL, Ministério da Educação. *Salto para o futuro: educação para a igualdade de gênero*. Brasília: MEC, 2008. P.31-38.

JUNQUEIRA, Rogério Diniz. **Homofobia nas Escolas: um problema de todos**. In BRASIL, Ministério da Educação. *Diversidade Sexual na Educação: problematizações sobre a homofobia nas escolas*. Brasília, Unesco, 2009. P. 13-52.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero e sexualidade**: pedagogias contemporâneas. *Revista Pro-Posições*, Campinas, v. 19, n. 2, 2008.

LOURO, Guacira Lopes. **O corpo educado**: pedagogias da sexualidade. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

MISKOLCI, Richard. **Teoria queer**: um aprendizado pelas diferenças. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

RIBEIRO, Irineu Ramos. **A TV no armário**: a identidade gay nos programas e telejornais brasileiros. São Paulo: GLS, 2010

SILVA, Tomas Tadeu. **Documentos de identidade**. 2005.